

O RETRATO FALADO DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: INFLUÊNCIAS DETERMINANTES

Maio 2008

Eliana Sampaio Romão - Universidade Tiradentes-Aracaju/SE.
elianaromao@uol.com.br

Categoria (Métodos e Tecnologias)

Setor Educacional (Educação Universitária)

Classe (Investigação Científica)

RESUMO

Educação é uma prática que se constrói na convivência humana. Descurar da relação educativa pode ser uma grande ocasião perdida. Em experiências educativas, sobretudo no âmbito da Educação a distância, não é suficiente garantir formas de estabelecer contatos entre professores e estudantes. Importa cuidar da relação entre ambos de modo que a porção tecnológica não venha em detrimento a porção pedagógica e, assim, a educação pretendida prevaleça. É sabido que se de perto é complexo que dirá de longe. Nesse contexto, as tecnologias educacionais ganham maior status. Seu bom uso, seu mau uso, o uso limitado chegam a ser apontados como determinantes no retrato falado dos cursos de EaD que se expandem pelo país afora. Cabe, então, indagar: até que ponto? O presente estudo objetiva, caminhando por seus meios e métodos, identificar as influências determinantes no retrato falado de programas de EaD de modo que, ao fim, seja possível ver seu rosto sem maquiagem – com suas rugas, sua palidez, suas fragilidades.

Palavras chave: Educação a Distância, Professor, Tecnologias Educacionais, Aprender a Aprender.

Introdução

Muitas das mudanças de maiores impactos na sociedade contemporânea, estão associadas as invenções das tecnologias de informação e comunicação. O surgimento da Internet no campo da educação tem provocado a criação de diferentes práticas educativas. A Educação Superior, na modalidade educação a distância, se insere nessa pauta se servindo dos mais diferentes e encantatórios meios de mediação do conhecimento. Isso, porém, não reflete o novo paradigma que se proclama, pois que, ao olhar mais de perto, constata-se que o novo tem suas raízes em velhos paradigmas de educação e que o retrato falado e propagandeado da educação a distância não condiz com o retrato constatado. Assim, lendas se espalham com os ventos. Importa, portanto, não descurar das relações educativas constituídas mediante a expansão dos cursos de educação a distância em mais de 80 países e mais recentemente no Brasil, sem, no entanto, ficar a margem da força e da importância das relações face a face.

Durante muito tempo da história das relações humanas, parte expressiva das aproximações sociais ocorreram por meio do encontro face a face. As pessoas se relacionavam entre si particularmente, conforme lembra Thompson(2005), (...) dentro de um ambiente físico (com)partilhado. Para o autor, a sobrevivência das histórias contadas e atividades relatadas dependia de um contínuo processo de renovação. Assim, as tradições eram de algum modo abertas em relação ao conteúdo

uma vez que o processo de renovação permitia uma série de atos criativos nos quais os indivíduos reiteravam, da melhor forma possível, expressões e ações que tinham sido gravadas em sua memória ou conduta mais ou menos do mesmo modo que um menestrel medieval reinventaria uma história todas as vezes que a contasse. As tradições eram também relativamente restritas em termos de alcance geográfico, pois sua transmissão dependia da interação face a face e do deslocamento físico de indivíduos de um ambiente para outro. (THOMPSON, 2005, p. 77)

A difusão da mídia se faz, então, a partir do século XV, causando os mais variados efeitos nos padrões de contados e de relações sociais. Desde então, a sociedade, em diferentes lugares do planeta, tem sido influenciada, ao longo dos séculos passados, pelas mais criativas e fascinantes meios de (com)vivência humana. Diferentes autores lembram os ganhos decorrentes dos meios de informação e comunicação, destacando que o uso das TIC permitem consideradas novas formas de comunicação e interação e que oferecem um leque de possibilidades e características que as diferenciam das interações presenciais. O seu uso, quer seja bom e útil, quer seja mau e inútil, quer seja limitado, amplia outras formas de educação e “ação a distância que permitem que indivíduos dirijam suas ações para outros, dispersos no espaço e no tempo, como também responderem a ações e acontecimentos ocorridos em ambientes distantes”.(Ibidem)

Nesse contexto, o campo da educação é afetado ganhando novas configurações, uma nova cultura. Entre tantas invenções tecnológicas, a Internet ganha maior status. Assim, por meio desse recurso, é possível, conforme Kenski (2005), fazer negócios, trocar informações e experiências, aprender juntas, desenvolver pesquisas e projetos e, entre outros, experimentar novas formas de convivência as quais podem ser partilhadas em pequenos grupos ou comunidades virtuais.

As redes, mais do que uma interligação de computadores, são articulações gigantescas entre pessoas conectadas com os mais diferenciados objetivos. A Internet é o ponto de encontro e dispersão de tudo isso. Chamada de rede das redes, a internet é o espaço possível de integração e articulação de todas as pessoas conectadas com tudo o que existe no espaço digital, o *ciberespaço*. (KENSKI 2005, p. 34)

A Educação Superior, na atualidade, tem como desafio não apenas criar uma comunidade conectada na rede, mas criar formas de relações educativas de modo que tal comunidade faça a passagem da informação para o conhecimento, do conhecimento já existente para o conhecimento ainda não existente. Não basta, portanto, comemorar o crescente número de acesso ao computador por meio de seu principal fenômeno- a Internet, mas os fins dessa conexão. O fenômeno da Internet na educação superior abre, conforme Rocha (2007), as portas das IES ao mundo exterior e lhes permitem fazer frente a novas demandas de formação continuada de estudantes jovens e adultos que não puderam ser atendidos por modelos tradicionais de educação. Assim, a educação superior, tem se servido da Internet para fazer contatos, estabelecer relações, minimizar as distâncias, intercambiar produtos, permitir a comunicação, circular informações, possibilitar as bases de conhecimento e, enfim, implantar novas formas de ensinar, de aprender, de educar, de inserir o indivíduo na sociedade sem que o tempo e o espaço sejam rigorosamente demarcados. A Educação Superior, portanto, se insere nessa pauta, particularmente em ambientes virtuais, se servindo dos mais avançados dispositivos de mediação do saber. Isso não assegura, porém, que as Instituições reflète o novo paradigma que se proclama, pois que, ao olhar mais de perto, constata-se, particularmente em cursos não presenciais que o novo é de índole conservadora. Assim, lendas se espalham com os ventos, mitos se multiplicam, ilusões tomam o lugar dos fatos. Algumas delas, sobretudo no campo da educação a distância, se multiplicam ao

mesmo tempo que se banalizam. O presente texto tem como objetivo pensar essas crenças e influências tidas como determinantes no retrato falado da educação a distância, algumas delas aqui em destaque: 1. A Educação a Distância e a Internet, 2. A Educação a Distância e as TIC: entre o velho e o novo, 3. Educação a Distância entre os meios e os métodos.

1 A Educação a Distância e a Internet

A maioria, senão todas, instituições de educação superior tem sido influenciada, em maior ou menor escala, por essa nova cultura que se expande vertiginosamente. A evolução rápida da Educação Superior Virtual, no entanto, as condições objetivas de implementação favoráveis. Sabe-se que os países que são contemplados com uma estrutura educativa flexível e condições econômicas mais privilegiadas seguramente evoluem muito e, conforme Rocha (2007)

mucho más rápido hacia la ESV, y produjeron innovaciones en términos pedagógicos, institucionales, gerenciales y tecnológicos que se reflejaron en una dinamización de los servicios educativos de esa modalidad. (ROCHA 2007, p. 181)

Ocorre que tal expansão, bem como seus efeitos nos projetos implementados, não se manifesta tão igualzinha em todos países. Duas razões, já difundidas, ganham destaque: ora a referida evolução está afinada aos interesses mercadológicos, ora está afinada aos interesses pedagógicos. As políticas educacionais de cada país determina em grande medida, ainda que, por vezes, de índole flexível, o rosto das experiências amparadas pelas mais recentes descobertas tecnológicas, inseridas em projetos de Educação Superior do país. Nessa direção, diversos fatores são apontados: os limites da autonomia universitária, a capacitação “cesta básica” dos professores, o desvio/falta de recursos, a inversão de interesses, a ausência de discernimento, a reprodução irrefletida de experiências, entre outros. Se é certo que a Internet é tida como uma tecnologia sem fronteiras e de longo alcance, é (in)certo, porém, garantir que, por meio dela, “qualquer aluno pode realizar o curso em qualquer lugar do mundo,” bastando que este esteja “conectado na rede”. Em primeiro lugar, pondo em destaque o público estudantil que “opta” por educação na sua forma mista, não tem, em geral, todo o tempo do mundo que se propaga. O estudante, em geral, adulto, tem como prioridade o trabalho. Em segundo lugar, muitos deles não têm acesso a rede como deveriam ou não tem traquejo em lidar com a educação na maior parte do tempo em rede. Importa dizer que “la estrategia mercadotécnica” difundida com espantosa rapidez de que “el mundo entero está al alcance de un clic”, parece mais um mito que um fato. Para González (2007), há uma grande distinção entre os slogans de venda e da realidade.

Es cierto que las bibliotecas digitales facilitan el acceso a miles de journals especializados, y a millones de artículos. La cantidad de información a la que un latinoamericano tiene acceso es asombrosa. A pesar de ello, es muy limitado el provecho que se le ha sacado a las bibliotecas digitales. Gran parte de la información viene en idioma inglés, y no siempre los estudiantes (y tampoco muchos profesores) dominan esse idioma como para llegar a comprender un inglés sofisticado como el que se usa en esas publicaciones. Algunas disciplinas, hasta cierto punto, son independientes de cuestiones socioculturales.(...) cuando pensamos en las ciencias sociales, mucha de la información contenida en los journals fue generada en un contexto distinto al latinoamericano, y su uso puede tener limitaciones. La brecha entre los países no se recuce por el mero acceso a la información, sino por la capacidad de los países de generar proyectos de investigación y de desarrollo acordes a su situación sociocultural. (GONZÁLES p. 264, 2007)

O retrato falado que se constitui da Educação Superior Virtual bem como as modalidades de formação daí decorrentes – quer seja educação a distância, educação semi-presencial, educação *online*, está, de imediato, associado ao mundo digital e seu alcance na “aldeia global”. Importa colocar os recursos humanos em primeiro lugar, “conhecer suas formas de pensar, de sentir e de ver a vida.” A Educação Superior Virtual, no meio dos apelos da sociedade digital, tem muito que fazer por este propósito. A barreira do idioma precisa ser enfrentada, mas isso só não basta, é preciso, para além das “referências dominantes em inglês”, indagar sobre os fins e a natureza do curso que se pretende implantar. Nem todo curso, mesmo chamado de educação, assegura os fins difundidos. Em razão disso, talvez, Thompsom (2005), se refira a novas formas de interação como novos tipos de “ação a distância” que se tornam mais comuns na sociedade moderna. Enquanto nas mais antigas civilizações as ações e suas conseqüências eram, em geral, restritas aos ambientes de interação presencial, hoje é comum ver os indivíduos orientarem suas ações para outros que não partilham o mesmo ambiente espaço-temporal.

A crescente importância da ação à distância não é somente ligada ao desenvolvimento dos novos meios de comunicação. Uma inteira série de inovações tecnológicas - da pólvora à fissão nuclear, da eletricidade à informação tecnológica – dilatou o alcance da ação humana no espaço e no tempo, algumas vezes de maneiras imprevistas e imprevisíveis. Mas o desenvolvimento dos meios de comunicação criou novos tipos de ação à distância com características bem distintas. (THOMPSON p. 92, 2005)

Há que se considerar a distinção entre ação e educação, entre contato e comunicação, entre encontro e interação, entre repetição e modificação. Importa, todavia, enfatizar que, apesar da especificidade de cada forma de ensinar, de aprender, e, enfim, educar, os desafios da Educação, seja em que modalidade ocorra, são equivalentes, quais sejam: contar com profissionais comprometidos com a causa educativa numa perspectiva emancipatória; identificar para que público se destina o projeto em questão; definir e fazer valer os papéis dos envolvidos; ter acesso a dispositivos tecnológicos com os quais venham atender as necessidades dos usuários e fazer a passagem da ação para a educação, seja na sua forma presencial, seja na sua forma semi-presencial, seja virtual, entre as tensões contidas entre a informação e a comunicação, entre o velho e o novo. Nesse processo, o papel das TIC se sobressai.

1.2 A Educação a Distância e as TIC: entre o novo e o velho

La educación superior, de manera más inmediata y directa, recibe la presión de dichos cambios tecnológicos y sociales, debiendo responder con la creación de nuevos paradigmas educativos. (ROCHA, 2007)

É fácil notar a influência das tecnologias da informação e comunicação na configuração do mundo atual, nos mais diferentes modos de pensar e viver. É igualmente certo, porém, que neste mundo em que o fascínio pelas TIC digitais ganha proporções gigantescas, muitas pessoas não têm acesso ao sabor da água potável, às facilidades da luz elétrica, à rapidez do telefone, aos ganhos da cultura letrada. Muitos não sabem ler, não sabem em que continente localiza-se o Brasil, não conhecem a própria língua, não sabem e não têm acesso à tecnologia e não sabem que não sabem... Muitos bebês, crianças e jovens, por outro lado, crescem em ambientes sofisticadamente mediados pelas mais variadas tecnologias, particularmente, audiovisuais e digitais. É fácil perceber que os cenários atuais se distinguem dos cenários vividos por nós outros – pais e professores. Sabe-se que o computador, bem como o cinema e a televisão, afetam os mais jovens, cuja capacidade para captar suas mensagens é notável. Isso não significa dizer, todavia, que nem tais

gerações, nem os educadores, que por elas respondem, dispõem do saber necessário para fazer a passagem da informação para o conhecimento. Essas gerações, conforme Sancho (2006), estão descobrindo o mundo e lhes custa tanto aprender a realizar trabalhos manuais como a lidar com um vídeo ou um computador. Estão descobrindo as linguagens utilizadas em seu ambiente e lhes custa tanto, ou mais, decifrar e dominar a linguagem textual, como a audiovisual. Divinizam esses recursos de tal maneira a ponto de vê-los como “esperança redentora” e o remédio milagreiro para uma educação de qualidade. Para o autor, ainda, a história da educação está farta de promessas rompidas; de expectativas não-cumpridas, geradas ante cada nova onda de produção tecnológica. Nessa mesma história, mitos se expandem com os ventos, mentiras se espalham como verdades; verdades se escondem como mentiras. A educação em que os encontros entre professores e estudantes são escassos, amalgamada a esse universo tecnológico digital, não está imune aos “mitos e mitificações.” Assim, novos príncipes são apresentados como salvadores das mazelas, conforme diz Oreste (2006), enrustidas e encrostadas na educação brasileira, como o computador, a Internet e a educação a distância, educação online.

1.3 A Educação a Distância: entre os meios e os métodos

De fato, hoje estamos presos a um discurso dominante a argumentar largamente que o fim da escola está próximo e que, graças às novas tecnologias e à Internet, a era da autonomia do aluno já começou. (ALAVA 2002 p. 13)

Quando se avalia o fato com cuidado, porém, constata-se que o fim da escola, anunciado há mais de 40 décadas e questionada há mais de 400 séculos, está longe, muito longe de acontecer. A tecnologia não substitui o professor, nem, menos ainda, a escola. Cabe enfatizar que, apesar das constantes críticas e acusações, a escola continua relevante como um espaço de cultura, de conhecimento, de (des)construção, de convivência humana, enfim, de elevação da condição humana.

A escola, para além de modeladora e castradora, instiga as capacidades do público que a prestigia, a “dar forma ao núcleo de sua pessoa.” Se a escola alcança esta meta ou se aproxima dela, justifica sua relevância. Se as intenções da escola fossem, conforme lembram Saviani(2007), Romão (2004), Enguita (1989), tão somente transmitir ou inculcar informações, conhecimentos, idéias, a escola estaria na iminência de ser varrida da face da terra, ou já o teria sido, pelos meios de comunicação de massas(...). Na mesma linha, diferentes autores se destacam. Entre eles, avulta o nome de Paulo Freire, ao advertir para os riscos da “educação bancária” e, portanto, domesticadora. Ao contestá-la, o autor defende uma educação problematizadora e autêntica. A “educação autêntica”, insistentes vezes lembrou o autor, não se faz de ‘A’ para ‘B’, ou de ‘A’ sobre ‘B’, mas mediatizada pelo mundo. A mentalidade dominante no interior da escola há mais de cinco mil anos é *aulista* e, portanto, ampara-se no falar/ditar do professor. Decretar o fim da escola ou derrubar suas paredes, desenvolvendo experiências em Ead, mesmo valendo-se das formas de TIC, pouco acrescenta ao que já se gastou no discurso sobre a Ead. Sabe-se que a tecnologia é tão antiga quanto as práticas escolares, quer sejam estas presenciais ou não presenciais. Projetos de educação, portanto, valem-se, bem ou mal, da tecnologia educacional. Essa saída traz algo curioso, na medida em que, conforme Valente (2000), De Luca (2003), Romão (2004) possibilita manter os alunos em suas casas, conectados, quando disponível, a alguma fonte de informação.

Essa abertura, em geral, associada às novas tecnologias, tem sido apontada como um fato de caráter inovador, mas, em geral, é de índole conservadora, na medida em que a abordagem educacional é amparada no mesmo sistema tradicional e arcaico de ensino. Em vez, porém, de se transmitir informação, por via giz e do quadro negro ou por via do livro, a informação agora é entregue, acrescenta o autor, por via da rede de computadores. Cabe lembrar que reproduzir, num ambiente de TIC digital, os problemas da escola tradicional e arcaica, é tido como um

dos sérios riscos da Ead. Para esses autores, educar a distância não pode se limitar a escrever aforismos do conhecimento já existentes e cadastrá-los numa tecnologia tida como interessante. Sabe-se que a qualidade do processo educativo, seja em Ead ou não, será confirmada, se esse processo estiver afinado com os princípios educativos, de modo que supere a mera reprodução e consiga enxergar a rede que envolve todo esse processo que não se reduz a apertar botões e a responder certo ou errado às questões então propostas. As TIC, em si mesmas, não representam um novo paradigma ou modelo pedagógico. Assim, profissionais da educação, em especial, do ensino, tendem a adaptá-las às suas próprias crenças e convicções muitas vezes tradicionais e arcaicas.

O desafio é que esses profissionais mudem imediatamente sua forma de conceber e pôr em prática o ensino ao descobrir uma nova ferramenta. (...) Professores costumam introduzir meios e técnicas adaptando-os à sua própria forma de entender o ensino, em vez de questionar suas crenças, muitas vezes implícitas e pouco refletidas, e tentar implantar outras formas de experiência docente. (...) As TIC são usadas muitas vezes para reforçar as crenças existentes sobre os ambientes de ensino em que ensinar é explicar, aprender é escutar e o conhecimento é o que contém os livros-texto” (SANCHO 2006 p. 23)

Educação a distância, seja ela na sua forma semi-presencial ou não, ou, ainda, *online*, não se reduz a tecnologia, embora esta sem aquela não se constitua. Isso, todavia, não é exclusividade da Ead, mas da educação, das práticas educativas em geral. Em plena era digital e freqüentes apelos a novas formas de ensinar e de aprender, os mitos se multiplicam. Projetos de educação, particularmente em Ead, valem-se bem ou mal, da tecnologia educacional. Para Alava (2002), a emergência de novos dispositivos de formação aberta em Universidade, no campo de formação profissional, no interior dos sistemas escolares tende a banir o velho e a colocar o novo na ordem do dia. Idéias já largamente conhecidas e até antigas são apresentadas não somente como atuais, mas como inovadoras: o trabalho coletivo, a autonomia do aluno, do “aprender a aprender.”

A escolarização quase sempre está sustentada por concepções de educação, entre as quais, cite-se aquela que dá nome à Escola Nova, em que avulta o substrato das chamadas novas formas de ensinar e aprender. A ênfase dispensada à aprendizagem do aluno, amparada pelo paradigma “aprender a aprender” não é recente, nem inovadora. Não poderia ser de outro modo, considerando-se que nem mesmo a Ead avança a ponto de qualificá-la até como revolucionária. O dito novo paradigma que se proclama não garante tal impacto nos cursos a distância, apenas recupera as referências norteadoras do “pragmatismo-escolanovista” sob a égide do ideário neoliberal. O lema “aprender a aprender” representa, conforme Duarte (2006, p.9), “a forma alienada e esvaziada pela qual é captada, no interior do universo ideológico capitalista, a necessidade de superação do caráter estático e unilateral da educação escolar tradicional”. As lições, defendidas por mais de uma década, na perspectiva de combater falsas crenças afinadas com o ideário neoliberal já foram, em parte, esquecidas. Continua, pertinente, então, lembrar os riscos dos deslocamentos na atualidade tão em moda: do professor para o aluno, do conteúdo para o método, do ensino para a aprendizagem na sua expressão “aprender a aprender.” Talvez esse seja o maior risco entre tantos, pois que, ao secundarizar um pólo em detrimento do outro, fica fadada ao fracasso o trabalho pedagógico, a própria interlocução – condição necessária para a construção da relação educativa. O lema “aprender a aprender”,

reside na desvalorização da transmissão do saber objetivo, na diluição do papel da escola em transmitir esse saber, na desvalorização do professor como alguém que detém um saber a

ser transmitido aos seus alunos, na própria negação do ato de ensinar(...). A essência do lema “aprender a aprender é exatamente o esvaziamento do trabalho educativo escolar(...) (DUARTE 2006, p. 9)

Hoje, mais uma vez, tenta-se deslocar o eixo de um lado para o outro, sem, todavia, o cuidado para não cair nas armadilhas dos extremos. A idéia de “aprender a aprender”, embora arriscada, volta a reinar, sobretudo como princípio da Ead. Assim, outros mitos se sucedem de modo intercambiado: quanto à flexibilidade de espaço e o tempo para estudo. O aluno da Ead, em geral, adulto e trabalhador, está condenado a dispor de um tempo entendido flexível e aparentemente farto para “aprender a aprender”, desenvolver capacidades de auto-estudo no tempo e espaço aparentemente farto, encontrado em qualquer lugar. A imagem da Ead tem sido, em geral, largamente associada ao estudo independente e, assim, desenvolver uma certa autonomia que parece exclusividade somente do estudante *e-learning*. Para González (2007, p. 271), “La mercadotecnia de muchos programas se basa en vender la idea de que es posible estudiar en cualquier lugar y en cualquier momento” ou, como se diz em português: estudo independente. O autor esclarece:

(...). La flexibilidad de esta modalidad educativa es un valor agregado cuando se elige un programa de e-learning. Sin embargo, no siempre esa relativa flexibilidad es bien entendida y con frecuencia genera algunos mitos difíciles de revertir(...) Una mayor flexibilidad no necesariamente es mejor ni peor. Lo importante es que todo alumno sepa con precisión qué grado de presencia se espera de él, si el modelo así lo indica. (Ibidem)

À luz dessa análise, nem sempre o que se vende coincide com o que se recebe na prática. Não é raro receber ofertas de programas tidos como “flexíveis” e, uma vez inscritos, os alunos constatarem que não há somente tal flexibilidade, e que a promessa de autonomia é relativa. A pretensa autonomia, ao lado do lema “aprender a aprender” e da flexibilidade do tempo e espaço para estudo, voltam à baila.

Essa realidade remete-nos, sem a intenção de dar respostas no presente artigo, a indagar se, de alguma forma, o estudo autônomo é, de fato, conforme se divulga, alcançado na modalidade de Ead praticado hoje de norte a sul do Brasil, na América Latina? Não estamos fazendo apologia da idéia de que a escola, seja ela presencial ou não, deixe de desenvolver no público que a prestigia capacidades de assumir a própria educação com autonomia intelectual. Nosso estranhamento aproxima-se, ainda que de forma menos arrojada e indignada do autor antes assinalado, ao fazer recentemente a crítica à valorização contida no “aprender a aprender.” Nossa contestação reside na defesa das aprendizagens individualizadas “como as mais desejáveis” que aquelas realizadas por mediação da convivência humana com o professor. Esse fato não se anula na Ead, pois, além de essa modalidade contar, no Brasil, com encontros presenciais, os profissionais atuantes nessa área valem-se das mais variadas linguagens mediadoras do conhecimento. Ademais, instigar o aluno à autonomia, a fim que seja capaz de organizar e expressar seu pensamento, de estudar, de pensar e de independe-se cada vez mais das amarras escolares, não é exclusividade da Ead, nem de profissionais da área, quer sejam eles de escolas mais modernas e abertas, quer sejam de escolas mais tradicionais e fechadas. Acrescente-se que, na realidade investigada, a tendência para a autonomia dependente atinge tanto o corpo discente como docente, pois nem todos os tutores conseguem, segundo Romão (2004), ser independentes como gostariam, nem se desprender da educação tradicional. Quando o professor parte para um novo ambiente de ensino e aprendizagem, leva consigo, sem que por vezes perceba, a mentalidade, os modelos de educação, de ensino que experienciou.

É lícito acrescentar, entretanto, que, seja nos limites da Ead ou não, agimos muito mais de acordo com as marcas de nossa biografia e

histórias passadas do que de acordo com nossos desejos. Marx (2002) registrou um princípio de grande repercussão educativa ao afirmar que os homens fazem sua própria história, mas não a fazem sob circunstâncias de sua escolha, de seu desejo, e sim sob aquelas herdadas do passado. Quando, no ensino tradicional, o professor fala o tempo todo, vai comportar-se do mesmo jeito na aula a distância. O desenvolvimento de uma aula, mesmo quando construída com recursos de última geração, pode ser tão interessante quanto entediante. De qualquer maneira, o ensino presencial alimenta, embora por vezes envenene, o ensino a distância. Assim como no movimento contrário, o ensino a distância também serve para provocar as experiências tradicionais de educação. Convém enfatizar que a educação a distância nunca chegará a ser idêntica à educação presencial. Esta modalidade de educação, embora repita mitos, riscos e desafios similares ao ensino presencial, tem peculiaridades que somente nela encontramos. Vê-la como uma oportunidade de educação para aqueles, já adultos e com base de formação, que não tiveram possibilidade de formação superior e continuada, parece ser uma boa opção. Cabe reconhecer que oferecer oportunidades educacionais de perto é complexo; à distância a situação se complexifica.

Nesse caso, as tecnologias educacionais ganham destaque. É preciso, porém, cuidado para não depositar nelas o novo caminho para a mediação entre a informação, professores e estudantes, em geral, distantes um do outro. Para Kenski (2003, 2007), entre outros educadores, não são as tecnologias que irão revolucionar o ensino e, por extensão, a educação, em geral, mas a maneira como tais dispositivos são utilizados nessa mediação (...) Os processos de interação e comunicação, acrescenta a autora, dependem muito mais das pessoas envolvidas no processo, do que das tecnologias utilizadas, seja o livro, o giz, ou o computador e as redes. Importa que, mediante os apelos a novas formas de ensinar e aprender, mais do que adquirir as avançadas tecnologias digitais de informação e comunicação, importa aprender a lidar com tais recursos e descobrir as maneiras mais apropriadas de obter das máquinas as facilidades não somente de conexão, mas a própria interlocução dialogal.

É preciso dizer que a falta das vantagens que traz o contato face a face dificilmente a educação a distância irá superar, pois, afirma Japiassu (1975, p. 163), os estudantes têm uma necessidade fundamental de um contato vivo com um educador capaz de fazer coisas que máquina alguma terá condições de fazer(...)" Importa, então, não centralizar no estudante a responsabilidade de sua formação. Cabe ao estudante agir de modo a assumir a sua própria educação, sim, mas com a ajuda necessária do educador. Ao professor, seja chamado de orientador, mediador ou tutor, cabe, não somente "tirar dúvidas", mas provocá-las. Compete ao educador, com a participação ativa dos educandos, elaborar uma "interpretação criativa" e crítica, das informações, do conhecimento do conhecimento já existente. É papel do professor, na esteira do autor citado, despertar sua curiosidade intelectual e epistemológica, promover a ampliação de seus horizontes e desenvolvimento de seu espírito crítico. Compete-lhe, tenha ou não encontros escassos com seus educandos, mostrar e problematizar as relações, construir as mediações. Paulo Freire, enfim, adverte:

Sou tão melhor professor, então, quanto mais eficazmente consiga provocar o educando no sentido de que prepare ou refine sua curiosidade, que deve trabalhar com minha ajuda, com vistas a que produza sua inteligência do objeto ou do conteúdo que falo(...) Meu papel como professor, ao ensinar o conteúdo a ou b, ao é apenas o de me esforçar para, com clareza máxima, descrever a sustentividade do conteúdo para que o aluno o fixe. Meu papel fundamental, ao falar com clareza sobre o objeto, é incitar o aluno a fim de que ele, com os materiais que ofereço, produza a compreensão do objeto em lugar de recebê-la, na íntegra, de mim. Ele precisa se apropriar da inteligência do conteúdo para que a verdadeira relação de comunicação entre mim, como professor, e ele, como aluno se estabeleça." FREIRE 118)

Isso posto, é importante dizer, ao fim, que caminhar a altura de seu tempo não implica tão somente voltar os olhos para as novas tecnologias de informação e comunicação e colocar em destaque seus ganhos de maneira irrefletida, simplista e alucinada. Importa reconhecer a importância do trabalho educativo como um trabalho essencialmente humano. Um trabalho, portanto, em que as pessoas vem em primeiro lugar. Nesse contexto o profissional que por ele responde ganha notoriedade, mesmo em modalidades educativas em que as tecnologias ganham mais status. Importa reconhecer a importância de papéis na complexidade, no plural, nas suas relações. Isso implica em definir papéis no plural – das tecnologias educacionais, do estudante, do professor. Isso exige considerar um projeto de educação, particularmente a distância, com suporte didático-pedagógico-administrativo. Suporte esse, que permita a integração de papéis, de meios, de profissionais. Integração, portanto, da tecnologia, não como uma mera ferramenta dura e fria, mas tecnologia, de fato, educacional, um recurso de “criação e de luz.” Recurso, enfim, que nos remete ao “tecido social”, aos sujeitos cognoscentes – a aquele que ensina e aquele a quem é destinado o ensinamento. A importância, assim, do reconhecimento da importância da tecnologia não está em si mesma, mas na sua relação com o mundo cognoscitivo, o mundo humano, mundo em que a educação é o substantivo.

Releva considerar, ainda, a ênfase dispensada à expressão Educação a distância, na qual a adjetivação à distância tem, por vezes, deixado na penumbra o lado humano, a natureza substantiva inerente ao fenômeno educativo. É importante enfatizar, então, o termo Educação na modalidade educativa em que a ênfase tem sido dada distância e, com efeito, aos meios tecnológico. É a educação que modifica o ser do homem. Priorizar a expressão adjetiva – a distância – em detrimento ao substantivo, deixa na penumbra a educação na sua essência, bem como a porção significativamente humana que abarca todo trabalho que se pretende educativo – seja de perto, seja de longe. Negligenciar o principal e o que dá a base a projetos voltados para a elevação da condição humana, contribui, para o aumento dos riscos e mitos subjacentes as influências que determinam o retrato falado, mas camuflado, da educação a distância que se expande, mesmo assim, vertiginosamente no Brasil, na América Latina e no mundo afora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] ALAVA, 2002. Ciberespaço e Práticas de Formação: das Ilusões aos Usos dos Professores. In: **Ciberespaço e Formações Abertas: Rumo a Novas Práticas Educacionais?** Porto Alegre: Artmed, 2006.
- [2] DE LUCA, Renata. Educação a distância: ferramenta sob medida para o ensino corporativo. In: **Educação online**. São Paulo: Ed. Loyola, 2003.
- [3] DUARTE, Newton. A aproximação da psicologia vigotiskiana ao lema pedagógico “aprender a aprender” é uma estratégia ideológica. In: **Vigotski e o aprender a aprender: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotiskiana**. Campinas: Autores Associados, 2006.
- [4] ENGUITA, Mariano Fernández. O crepúsculo do mito educativo: da análise do discurso à análise das práticas educativas. In: **A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- [5] FREIRE, Paulo. In: **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1987.
- [6] _____. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- [7] GONZÁLEZ, Jaime Ricardo Valenzuela. Imagen social de La educación a distancia. Marta Mena (compiladora). In: **Construyendo La nueva agenda de La Educación a Distancia**. Buenos Aires: La Crujía, 2007.

- [8] JAPIASSU, Hilton. **O mito da neutralidade científica**. RJ: Imago Editora, 1975
- [9] KENSKI, Moreira Vani. **Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas: Papirus, 2007.
- [10] _____, **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas: Papirus, 2003.
- [11] MARX, Karl e ENGELS, F. Os 18 Brumário de Luis Bonaparte. In: **Os 18 Brumário e Cartas a Kugelmann**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- [12] ORESTE, Preti. A formação do professor na modalidade a distância: (DEZ) construindo metanarrativas e metáforas. In: **Educação a Distância: Sobre discursos e práticas**. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.
- [13] PETERS, Otto. Modelos de aprendizagens autônomas no ensino a distância. In: **Didática do ensino a distância**. São Lourenço, RS: Unisinos, 2001.
- [14] SANCHO, Juana et.al. De Tecnologias da Informação e comunicação a Recursos Educativos. **Tecnologias para transformar a educação**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- [15] ROMÃO, Eliana. **Políticas, Diretrizes e Metodologias da Educação a Distância: a ação do professor como forma de superação dos distanciamentos estruturais em programas de formação continuada**. Tese de Doutorado defendida no programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas. SP: 2004.
- [16] _____ & LOURES, Antonio Iliseu. A Educação a Distância e as Tecnologias Educacionais: entre o fascínio do novo e a força do velho. **Trabalho apresentado no I Encontro Internacional de Tecnologia Educacional**. Rio de Janeiro: 8-11 out. 2007.
- [17] THOMPSON, John. O Advento da Interação Mediada. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. 7ª. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes. p. 77 a 107.
- [18] RAMAL, Andrea Cecília. Educação com tecnologias digitais: uma revolução epistemológica em mãos do desenho instrucional. **Educação online**. Marco Silva (org.) São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- [19] SAVIANI, Dermeval. O Neoprodutivismo e suas variantes: neo-escolanovismo, neoconstrutivismo, neotecnicismo (1992-2001). **História das Idéias Pedagógicas no Brasil**. Campinas: SP, Autores Associados, 2007, p. 423 a 439.
- [20] VALENTE, José. Educação a Distância: Uma oportunidade para Mudança no Ensino. In: **Ead.br Educação a distância no Brasil na era da Internet**. Carmem Maia (org.) São Paulo: Anhembi Morumbi, 2000.